



José Gabriel Avila\*  
jgazores@gmail.com

# Natal: da globalização à perda da identidade

*“Na cultura açoriana, o Presépio constitui uma das expressões mais genuínas da religiosidade e da arte populares.*

*A criatividade artística dos artesãos dos presépios lapinha, dos bonecreiros e dos próprios construtores revelam elevado talento, engenho e as suas mundividências, que se deve relevar e promover.”*



Graças às redes sociais e à democratização dos media, ninguém fica indiferente às mensagens publicitárias natalícias que, a partir do começo do outono, começaram a invadir o espetro televisivo e o mundo digital.

A globalização comercial atua de forma agressiva no nosso quotidiano, por mais paco e conservador que seja, tentando impor padrões comportamentais contrários ao nosso viver.

Quem está atento às mudanças de hábitos e costumes que entraram na vivência das populações rurais, sobretudo, conclui que, as mudanças sucedem-se, sem que delas demos conta.

Não vou aqui fazer referência à terminologia trazida há décadas para estas ilhas pelos emigrantes retornados. Existem estudos de investigadores onde se encontra exemplos abundantes dos novos anglicanismos decorrentes do processo de inculturação, seja na culinária, na alimentação, no vestuário, na atividade balnear, etc.

Mais recentemente, por influência das telenovelas brasileiras, da linguagem de cidadãos africanos oriundos dos PALOP e de outros povos europeus, foram-se introduzindo no voca-

bulário e na oralidade termos e expressões que quase todos nós usamos sem qualquer reboço.

Na simbologia natalícia aconteceu o mesmo.

Nas últimas décadas, por influência da cultura norte-americana trazida pelos emigrantes, os açorianos foram introduzindo outros símbolos natalícios menos bíblicos que os tradicionais: a árvore, as iluminações, as decorações com ramos e frutos atípicos, todos profusamente distribuídos pelo comércio chinês.

Perdeu-se o hábito ancestral de preparar antecipadamente a construção do presépio, recortando e colando casas de papel ou objetos de barro representativos de cenas da vida rural.

Quando em casa não havia espaço para o Presépio, construía-se numa cómoda, em lugar destacado da casa, o altarinho ao Menino Jesus, enfeitado com velas, alguns pratos de trigo demolido no dia da Senhora da Conceição e as melhores laranjas e tangerinas da quinta, cujo aroma exalava por toda a casa.

Todos os anos a imagem do Menino em pé, já crescido, apresentava-se com veste nova, normalmente de seda debruada a ouro, trabalho meticulosamente realizado durante os se-

rões do outono.

A influência da mentalidade franciscana que aportou a estas ilhas acompanhando os primeiros povoadores, deixou marcas profundas na religiosidade popular.

O Presépio de São Francisco, apresentado pela primeira vez em 1.228, foi um desses motivos religiosos que ainda perdura.

Ao representar a narrativa bíblica do Nascimento de Jesus, o Presépio popular associou ao cenário principal episódios de vivências das comunidades em que está instalado. O mais célebre continua sendo o Presépio do Prior Evaristo, na Ribeira Grande.

No Presépio familiar, normalmente, há o cunho de cada criança, seja na colocação dos pastores, do musgo, das montanhas, ou das ovelhinhas. E, de dia para dia, há mudanças das figuras, dando a entender tratar-se de um cenário animado. Daí poder fazer-se várias leituras da geografia humana e do espaço, permanecendo imutável o acontecimento principal que ocorreu na gruta de Belém.

Na cultura açoriana, o Presépio constitui uma das expressões mais genuínas da religiosidade e da arte populares.

A criatividade artística dos artesãos dos presépios lapinha, dos bonecreiros e dos próprios construtores revelam elevado talento, engenho e as suas mundividências, que se deve relevar e promover.

A inundações desmesurada de símbolos natalícios que não se compaginam com a nossa cultura, gera a descaracterização da nossa identidade.

As entidades responsáveis pelas iluminações e decorações têm de pensar seriamente se estão a proteger a cultura tradicional da quadra, ou se estão a embarcar em motivos importados e sem conteúdo.

Onde estão os presépios que outrora se instalava nos jardins e praças citadinas e que motivavam a visita de famílias e a atenção dos transeuntes? Por que não entregar às escolas a sua construção, concedendo-lhes apoios municipais, e realizar concursos para destacar os melhores? Por que não apoiar concursos de montras onde os presépios lapinha fariam obrigatoriamente parte da exposição?

Estamos confrontados com os efeitos de uma globalização agressiva, mas não deixemos perder a nossa identidade cultural.